

OS expostos

da roda da santa casa da misericórdia de lisboa

UMA EXPOSIÇÃO COM CATÁLOGO

Integrada nas Comemorações dos 503º Aniversário da fundação da Santa Casa, esta exposição esteve patente ao público na Galeria de Exposições Temporárias do Museu de S. Roque.

Dos inúmeros documentos guardados no Arquivo Histórico da SCML, 57 presentearam o público.

Uma evocação extraordinária aos meninos da roda.

Texto de Francisco d'Orey Manoel¹ e Teresa Freitas Morna²

Recherche de la Paternité (Procura da Paternidade), de 1884, por Louis-Henri Deschamps. Pintura em óleo sobre tela, representa um bebé envolvido e protegido por um xalle que prendia o respectivo sinal. Composição realista, caracterizada pela sobriedade cromática, esta obra foi oferecida ao Convento dos Cardeais pela benemerita Sra. D. Ida Mary Turner Donnat, que adquiriu a tela em 1950.



Os “sinais” de expostos são constituídos por objectos que acompanhavam a criança, depositada ou remetida para a Casa da Roda.

BREVE RESENHA HISTÓRICA

Na Antiguidade Clássica são diversos os relatos de casos com enjeitados. A história de Moisés, deixado nas águas do Nilo, ou as diferentes situações retratadas pela mitologia grega, lembram-nos que este problema surgiu muito cedo.

Desejando evitar o infanticídio, reduzir a mortalidade infantil (sobretudo antes de se ministrar o sacramento do baptismo) e pretendendo resolver situações familiares complicadas (a nível da criação, sustento e educação dos filhos), a sociedade ocidental criou mecanismos, tais como o do Hospital dos Expostos¹.

Em Lisboa, a recolha dos expostos estava a cargo do Hospital Real de Todos os Santos. Após darem entrada, os bebés eram baptizados, entregues a uma “ama de leite” e, depois dos três anos, passavam para uma “ama de seco”. Por volta dos sete anos de idade, começavam a aprender um ofício para poderem tornar-se independentes quando fossem emancipados. Em 1564, a Misericórdia passou a administrar o Hospital Real e “herdou” esta incumbência.

A colocação de crianças na Roda era um acto legal e aceite pacificamente até meados do século XVII. A partir desta altura, este fenómeno começou a tomar proporções cada vez maiores. As causas que originavam as exposições tomaram novos contornos e, o acto de deixar um filho na Santa Casa ganhou uma carga negativa ao longo do século XVIII, e sobretudo no século XIX.

Um grave problema, salientado em determinada altura, eram os abusos que certas expostas sofriam por parte de aliciadores. Para fazer face a esta situação foi redigido o alvará de D. Maria I, emitido em Salvaterra de Magos, a 12 de Fevereiro de 1783, onde se determinou que os Mordomos da Casa dos Expostos da cidade de Lisboa, poderiam mandar prender esses aliciadores de expostas.

Com o número crescente de crianças enjeitadas, a situação financeira da Misericórdia foi gravemente afectada, até porque o Município de Lisboa tentava eximir-se às suas obrigações de entregar verbas para esse fim, chegando mesmo a ser necessário diversas intervenções régias.

Na segunda metade do século XIX, só em Lisboa, entravam anualmente mais de 2.600 crianças, mas, como a mortalidade era elevadíssima logo no período de aleitação, este número diminuía consideravelmente². No entanto, o

total de crianças que a Misericórdia tinha a seu cargo era assustador e representava uma avultada despesa, pelo que evitavam receber expostos vindos de fora de Lisboa.

Foi também nesta época que diversas personalidades se manifestaram contra o anonimato no sistema da roda. Um autor que se envolveu profundamente nessa luta foi o Dr. Tomás de Carvalho, (mais tarde Provedor da Misericórdia de Lisboa), que escreveu um artigo intitulado “Abaixo a roda dos expostos”, onde referia: “A lei e a religião dizem que o filho é da família, a roda responde que basta ser da comunidade: a sciencia diz que o novo ente precisa do primeiro leite e do primeiro amor de sua mãe; a roda trata da sciencia de visionaria[...]. E depois, corrida a volta fatal, eil-o ahí desherdado de uma família, de um nome, o que não teve culpa do seu nascimento, da deshumanidade de seus pais, do vicio das instituições. [...]perdeste pae, mãe, família, herança, nome, amor, affectos, tumulto, tudo; desde esse momento teu pae é só Deus, tua família és tu só, a tua herança o trabalho, o teu nome um numero, o teu tumulto a terra onde te achares[...]. A roda é o infanticídio indirecto, permanente, legal, é aquella roda de navalhas, em que uma indiscreta e falsa comiserção vae metter o pescoço dos santos expostos. Digamos a cousa com todo o horror da palavra: a roda é um açougue de crianças[...]. É inevitavel uma medida de transição. Essa deve ser a admissão patente [...] indagar-lhes a filiação, e provêr no futuro à sua entrada na família [...] por meio de socorros, prudentemente distribuidos às mães indigentes [...]” (in *Gazeta Médica de Lisboa*, n.º 7, de 1 de Maio de 1853, pp. 102-103).

Pouco tempo depois, mais precisamente em 1870, o sistema de exposição foi alterado profundamente e surgiu um novo regulamento do serviço da Roda: para depositar uma criança, o adulto que a trazia tinha que entrar no edifício e prestar declarações. Desta forma, acabou-se com o anonimato porque se passou a recolher informações sobre os pais e acerca das recoveiras³. Foram também criados mecanismos para apoiar as famílias com dificuldades, tendo por objectivo que fossem elas a criar directamente os seus descendentes. A Misericórdia passou a conceder “subsídios de aleitação” às mães com dificuldades financeiras mas que, no entanto, tinham leite suficiente para amamentar os seus filhos. Deste modo, as exposições diminuíram dras-

ticamente e, com a identificação dos progenitores, o número de “sinais” passou a ser diminuto.

OS FILHOS DA MISERICÓRDIA NA EXPOSIÇÃO DE 2001

Logo após o sino alertar a ama rodeira de que um novo bebé tinha sido depositado na Roda, a criança era rapidamente recolhida. Através deste sistema mantinha-se o anonimato dos pais, o que nem sempre sucedia porque, por vezes, entregavam as crianças acompanhadas de determinados elementos identificadores (v. figura 6 e 9).

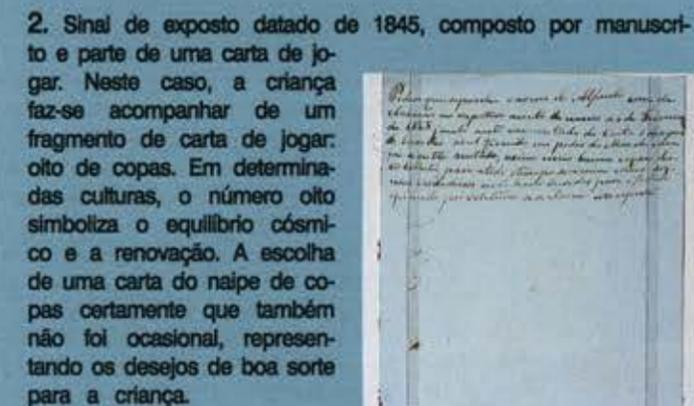
Ao receber a criança registavam-se todos os elementos intrínsecos (ex.: cor da pele, sexo, doenças, anomalias físicas, etc.) e todos os dados extrínsecos (dia e hora de entrada, nome da criança, data do baptismo, roupas e outras peças que acompanhavam o enjeitado, incluindo-se aqui o respectivo “sinal”). O registo de todos estes elementos era essencial para que, se mais tarde os pais desejassem recuperar o filho, fosse possível identificar com segurança que aqueles eram os progenitores do exposto e, por outro lado, para garantir que não se verificava uma troca da criança. É exactamente por isso que, em muitas ocasiões, quando remetiam a criança para a Santa Casa, faziam-na acompanhar de “sinais” suplementares de identificação; os pais permaneciam com um exemplar igual e, por vezes, chegavam mesmo a inserir cortes no documento, para que o encaixe das duas partes comprovasse a autenticidade dos exemplares (v. figura 2).

Na esmagadora maioria das situações, os “sinais” são compostos apenas por um documento manuscrito, que recebeu a designação de “escrito”. Através desse texto os pais, ou alguém da sua confiança, transmitiam as informações que consideravam pertinentes. Normalmente indicavam o nome com que desejavam que o seu filho fosse baptizado⁴, referiam o dia e hora do nascimento, descreviam algum elemento físico da criança, registavam as roupas que acompanhavam o bebé e, por vezes, assinalavam alguns desejos, como a intenção de vir recuperar o filho decorrido um determinado período, ou solicitando que a criança fosse criada perto de Lisboa, por uma ama cuidadosa, que tratasse do bebé com *amor e caridade* (v. figura 3). Algumas mensagens chegavam mesmo a transmitir uma situação de dor provocada pela separação. Dentro deste espírito, não será tão correcto falarmos em “abandono”, mas antes em “entrega temporária da criança” a uma Instituição idónea e que merecia toda a confiança, tal como sucedia com a Santa Casa.

⁴ Quando não baptizavam a criança com o nome solicitado no “sinal”, atribuíam-lhe uma designação diferente e indicavam na documentação que este era um “nome da Casa”.



1. Sinal de exposto datado de 1798, composto por fita de seda e imagem impressa de Nossa senhora da Piedade emoldurada com sugestivos motivos em canutilho prateado.



2. Sinal de exposto datado de 1845, composto por manuscrito e parte de uma carta de jogar. Neste caso, a criança faz-se acompanhar de um fragmento de carta de jogar: oito de copas. Em determinadas culturas, o número oito simboliza o equilíbrio cósmico e a renovação. A escolha de uma carta do naipe de copas certamente que também não foi ocasional, representando os desejos de boa sorte para a criança.



3. Sinal de exposto datado de 1820, composto por uma pequena fita de seda azul e por um curioso desenho, executado a lápis de carvão, representando um bebé. O texto faz a descrição da indumentária que acompanhava a criança, solicitando igualmente que o bebé fosse bem tratado, referindo por fim, que este “não estará lá muito tempo”.

¹ A instituição do Hospital dos Expostos – onde as crianças conviviam entre doentes, idosos e pobres – apareceu na Baixa Idade Média, segundo refere a Profª Isabel dos Guimarães Sá, no artigo inserido no *Inventário da Criação dos Expostos da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa*, editado em 1998. Estes hospitais possuíam uma roda (geralmente com dimensões maiores do que as existentes nos conventos de clausura), mecanismo onde eram introduzidas as crianças e que não permitia ver quem se encontrava no lado oposto, garantindo assim o anonimato.

² Algumas causas para este flagelo são apontadas no artigo “Os expostos e desamparados na Misericórdia de Lisboa” in revista *Cidade Solidária*, n.º 2, 1.º semestre de 1999, p. 43.

³ Indivíduo que transportava o exposto e que tinha por obrigação entregá-lo a outrém.



4. Sinal de exposto datado de 1835, composto por um manuscrito e um dado em marfim, este último alusivo a jogo, uma espécie de talismã que poderia simbolizar a melhor sorte para o menino exposto.



6. Sinal de exposto datado de 1823, composto por um manuscrito, uma fita de seda e uma meia branca de algodão, com as iniciais IAMCSV, bordadas a ponto cruz. No presente texto, pede-se que a criança venha a ter por nome *Maria Joze Monteiro de campos*.



8. Sinal de exposto datado de 1796, composto por uma gravura impressa, fitas de seda e lantejoulas e uma medalha de prata (?). Neste sinal, entrega-se a vida da criança à especial protecção da Mãe do Céu, Senhora da Misericórdia. O documento é composto por uma gravura impressa em Lisboa, representando Nossa Senhora da Conceição, a qual foi decorada com seda azul, lantejoulas e uma roseta central. Esta gravura é acompanhada por uma "medida" de seda pintada com caracteres dourados, referente à imagem da Virgem da Nazaré, e ainda por uma medalha de Nossa Senhora da Graça da Carnota, pendente de um laço.

5. Sinal de exposto datado de 1840, composto por um manuscrito e uma fita em seda pintada com motivos de inspiração oriental. No "escrito", alerta-se que o freio da criança *ainda não vai cortado*, situação que é registada em diversos sinais.



7. Sinal de exposto datado de 1801, composto por um manuscrito e uma gravura policromada e dourada representando S. Marcelvs, com tiara e báculo.



9. Sinal de exposto datado de 1795, composto por laço de seda cor-de-rosa e medalha com moldura de metal, contendo duas imagens impressas representando Nossa Senhora da Atalaia. Neste sinal, solicita-se que a criança seja baptizada com o nome *Manoel Joaquim do espirito santo*.



A transmissão das mensagens nem sempre era fácil porque o analfabetismo era muito elevado⁵, surgindo textos onde se registam ideias pouco claras, elaborados com caligrafia não consolidada, ou redigidos com inúmeros erros ortográficos. Nesta situação, era necessário transcrever o texto, para se compreender convenientemente a mensagem que se pretendia difundir.

Um outro aspecto que é importante salientar é que, na esmagadora maioria das ocorrências, as crianças expostas eram oriundas de meios com graves dificuldades económicas e de agregados familiares muito numerosos. Outros textos referem que os pais se encontravam doentes ou tinham falecido recentemente e, em certas ocasiões, indicam como causa de exposição o facto da criança não se encontrar bem. Por vezes aparecem-nos situações em que podemos supor tratar-se de uma família com maiores recursos, como no caso de "sinais" com peças de maior valor pecuniário, como acontece com os compostos por moedas, medalhas ou fios de prata, por objectos de madreperola ou executados em marfim (v. figura 4), aparecendo também algumas peças de ouro.

São frequentes os textos onde se salienta que o bebé ainda não ia com o freio cortado (v. figura 5). Na época considerava-se essencial "corrigir" esta característica física, para que a criança conseguisse vir a falar sem qualquer dificuldade. Curiosamente, hoje em dia, certos médicos ainda executam esta cirurgia.

Por vezes aparecem-nos documentos elaborados com um cuidado especial, alguns com decorações ou acompanhados por desenhos (v. figura 3). Outros "sinais" são compostos por elementos decorativos, como pulseiras ou brincos.

Em certos casos, aos "escritos" juntavam fitas ou outros elementos têxteis (v. figura 6), geralmente de seda. Estes serviam como marcas complementares de identificação e permitem-nos levar a cabo uma análise interessante dos diferentes tecidos, investigação que teria o maior interesse ser executada de forma sistemática.

No conjunto dos 87.000 "sinais" de expostos conservados no Arquivo Histórico/Biblioteca da Santa Casa, são menos frequentes os "sinais" compostos não só por "escritos" e fitas, mas constituídos também por outro tipo de peças; estes podem ser divididos em grandes grupos, tal

ORIGEM DOS MENINOS DA RODA

"[...] a Roda funcionou para fazer face a problemas concretos das classes com maiores dificuldades: os pais eram pobres, as amas que alimentavam e educavam as crianças viviam com dificuldades, e os mestres, que lhes ensinavam um ofício, também eram humildes. Assim sendo, e para a grande maioria dos casos, deve ser afastada a ideia de que a Roda servia sobretudo para esconder os filhos gerados de relações ilícitas, oriundos de famílias nobres ou de classes com uma situação sócio-económica estável."

Texto de Francisco d'Orey Manoel e Maria Luísa Barbosa Colen, in Revista *Cidade Solidária*, 1º semestre de 1999, pág. 40.



10. Sinal de exposto datado de 1795, composto por fita de seda cor-de-rosa, da qual pende uma medalha de prata com a inscrição *Senhor Jesus da Misericórdia*.

como foi referido no *Inventário da Criação dos Expostos*⁶. Alguns eram constituídos por elementos religiosos e por peças com carácter supersticioso, tendo por objectivo proteger o exposto. São exemplo disto, as figas, os pentagramas e outros amuletos, as cruces, os rosários, os escapulários e as "medidas", as imagens de anjos ou de santos (v. figura 7), as representações de Nossa Senhora (v. figura 8 e 9), ou a figuração de Cristo (v. figura 10).

Os elementos relacionados com o jogo (bilhetes de lotaria, dados ou cartas de jogar), também aparecem como marcas de identificação de crianças (v. figura 2 e 4). Estes podem sugerir e simbolizar que a existência humana exige um pou-

⁵ O estudo das expressões e abreviaturas utilizadas, para além da forma como as escreveram, será certamente um trabalho importante a levar a cabo futuramente.
⁶ Edição da Misericórdia de Lisboa, publicada em 1998, pp. 106-108.
⁷ Por medida entende-se uma fita com a altura da pessoa que é venerada, ou da imagem que a representa, geralmente pintada com algumas decorações e com o nome desse Santo.

11. Alicates e selos. O alicate era utilizado para marcação dos selos de chumbo dos colares dos expostos, ficando gravado o número sequencial atribuído a cada exposto. Este sistema servia para referenciar as crianças e para fiscalizar as amas quando estas apresentavam o enjeitado ao inspector da Misericórdia que, por sua vez, verificava se o menor estava a receber um tratamento adequado.



12. O "Enjeitado", de 1918, por José Simões de Almeida. Escultura de um jovem, com o respectivo bentinho, pequeno saco de pano, pendente sobre o peito, no qual se inseriam papéis com orações, relíquias e outros objectos de devoção. O autor, distinto escultor neo-clássico, estudou em Paris mas a sua obra desenvolveu-se em Itália, tendo posteriormente, em 1896, assumido o cargo de Director da Escola de Belas-Artes em Lisboa.



13. Mãe colocando criança na roda dos expostos. Pintura de inspiração regionalista de tendência conservadora, cujo tema nos apresenta uma mãe no acto de entregar a sua criança na roda dos expostos. A cena é completada por uma caixa de esmolas, sobreposta por uma cruz, com a designação "EXPOSTOS". À esquerda, observa-se uma vista parcial do interior do edifício, onde se situam duas personagens.



14. Conjunto de pulseiras utilizadas para identificação de crianças "internadas", com uma chapa oval, onde a Misericórdia mandava gravar o nome e/ou número atribuído à criança. Estes objectos substituíram o antigo sistema dos colares com selos de chumbo.

14. Conjunto de pulseiras utilizadas para identificação de crianças "internadas", com uma chapa oval, onde a Misericórdia mandava gravar o nome e/ou número atribuído à criança. Estes objectos substituíram o antigo sistema dos colares com selos de chumbo.

DIREITOS DA CRIANÇA: UMA PREOCUPAÇÃO RECENTE

"A exclusão das crianças do mundo e do trabalho, a vivência da sua morte como uma perda irreparável, o aparecimento de sepulturas individuais para crianças nos cemitérios, a noção de que as crianças têm direito a ser felizes e a receber educação, são atitudes e comportamentos que o não-historiador tem dificuldade em admitir como criações de um passado muito recente. A maior parte desses comportamentos desenvolve-se a partir de meados do século XIX, precisamente no momento em que o mundo ocidental põe termo à prática generalizada do abandono anónimo de crianças".

Inventário da Criação dos Expostos da SCML, prefácio da Prof.ª Doutora Isabel dos Guimarães Sá, pág. X.

O Arquivo Histórico da Misericórdia de Lisboa conserva mais de 87.000 "sinais" de expostos recolhidos ao longo de 137 anos, desde os finais do século XVIII, até ao início do século XX.

co de sorte. Lembram também que por vezes, a vida é um jogo difícil de implementar, alertando o exposto que, ao longo do seu percurso é necessário fazer escolhas que envolvem riscos e muita ponderação.

É interessante realçar o caso que detectámos de pais que entregavam mais do que um filho: aparecem-nos situações de irmãos gémeos, mas também de famílias que expuseram diversos filhos ao longo de vários anos.

Não poderemos deixar de salientar que cada "sinal" é um documento específico, aplicado a uma situação concreta e única, executado numa determinada época, para além de se encontrar intimamente interligado com indivíduos particulares (exposto, parteira, pais e outros elementos da família, indivíduo a quem foi solicitado que escrevesse o "sinal", recoveira, etc.). Deste modo, a interpretação dos múltiplos significados e informações que cada "sinal" contém é muito complexa, exigindo que os estudiosos se debrucem demoradamente sobre os diversos aspectos em análise, de modo a poderem desvendar as diferentes informações e decifrar todos os símbolos e códigos. Necessário será estudar e comparar as dezenas de milhares de "sinais" que foram preservados na Misericórdia de Lisboa, dividindo-os por épocas, e tendo presente as outras séries documentais que possuímos, para além da documentação que outros arquivos contêm.

Na Exposição que teve lugar em São Roque, também foram apresentados, para além dos "sinais" de expostos, diversos colares e pulseiras que eram utilizados para identificar os enjeitados (v. figuras 11 e 14), assim como uma importante planta do edifício de São Roque, elaborada no início do século XIX, e que assinala a localização da roda e as acomodações destinadas à criação dos expostos.

Outras obras foram requisitadas a colecções particulares, como o excelente bronze do escultor José Simões de Almeida (v. figura 12), e as duas pinturas executadas por autores estrangeiros, que foram amavelmente cedidas pelos seus proprietários (v. pintura de Louis-Henri Deschamps na abertura do artigo e figura 13), representando crianças enjeitadas que aguardavam pela protecção de quem lhes pudesse proporcionar um futuro melhor.

Também deve ser salientada a preciosa colaboração das Senhoras Professoras Casimira Grandi e Isabel dos Guimarães Sá, que elaboraram estudos que muito enriqueceram e valorizaram o Catálogo que foi editado.

Com esta iniciativa pretendeu-se sobretudo despertar o interesse para mais pesquisas relativas a esta problemática e relacionadas com estes testemunhos repletos de múltiplos significados.

A Exposição "Os Expostos da Roda da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa" e respectivo Catálogo, possibilitaram uma reflexão acerca da missão que a Santa Casa teve no acompanhamento e no apoio às crianças desprotegidas, a partir de meados do século XVI.

O papel desenvolvido pela Misericórdia de Lisboa revestia-se de tal importância que a Rainha D. Maria I criou o primeiro jogo social "A Lotaria", tendo determinado, por Real Decreto de 18 de Novembro de 1783, que o acolhimento aos expostos passava a beneficiar das respectivas receitas.

A referida mostra foi integrada no percurso do Serviço Educativo do Museu de S. Roque numa preocupação de colocar o valioso património histórico, artístico e cultural desta Instituição ao serviço do público e da comunidade em que se insere.

Esta abordagem resultou num vivo interesse pelo Catálogo, em termos de preciosa documentação sobre a matéria em causa.

Foi igualmente objecto de grande interesse o acesso do público ao conteúdo dos "sinais" apresentados que, graças às transcrições paleográficas dos documentos, se revelaram como preciosos veículos para o conhecimento das vivências de um período particularmente conturbado do ponto de vista social, como foram os séculos XVIII e XIX em Portugal.

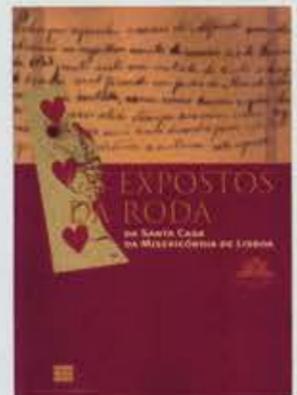
O número de visitantes da Exposição, nacionais e estrangeiros, de formações académicas e científicas diversificadas, de distintos grupos etários, visitantes a título individual ou integrados em visitas guiadas de colectividades e associações, é elucidativo do interesse científico e cultural desta iniciativa.

É de justiça referir que a Exposição e o Catálogo contaram com o generoso e imprescindível apoio do Banco Espírito Santo e da Fundação Montepio Geral.

Esta iniciativa, além de constituir uma base de pesquisa para futuras investigações antropológicas, pretende, pelo seu carácter específico, contribuir para a História da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa e, conseqüentemente para a História de Portugal. ■

¹ Chefe de Divisão do Arquivo Histórico / Biblioteca

² Conservadora do Museu de S. Roque



A Exposição **Os Expostos da Roda da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa** foi acompanhada de catálogo. Este documento pode ser consultado na Biblioteca da Misericórdia de Lisboa. Tel. 213 901 749/213 235 409